



Universidade de Brasília – UnB  
Decanato de Ensino de Graduação  
Universidade Aberta do Brasil - UAB  
Instituto de Artes - IDA  
Departamento de Música  
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**EDUCAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DE BANDAS: UM ESTUDO SOBRE O  
ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS NA FANFARRA  
BANFLOCABRAL/AC**

Onofre de Souza Brito Júnior

Cruzeiro do Sul-Acre  
2014

ONOFRE DE SOUZA BRITO JÚNIOR

**EDUCAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO DE BANDAS: UM ESTUDO SOBRE O  
ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS NA FANFARRA  
BANFLOCABRAL/AC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito obrigatório para a obtenção do  
título de Licenciado em Música na Universidade  
de Brasília.

Orientadora: Sílvia Gomes Correia

Cruzeiro do Sul-Acre

2014

A Deus, por ter me sustentado até aqui, a  
minha mãe Maria da Glória e ao meu pai  
Onofre Brito, que sempre me apoiaram nessa  
caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela força, saúde e determinação que sempre me concede para alcançar meus objetivos.

A minha família, que sempre me apoiou sem olhar as circunstâncias, em especial a minha mãe Maria da Glória e meu pai Onofre Brito, pela colaboração e incentivo.

Aos meus colegas de turma, Adriana, Edvagner, Arnaldo, Manoel, Elciane, Sara, Egino, Júlio César, Albécio e Alberto, amigos e companheiros de todas as horas e que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui, me apoiando nos meus momentos mais difíceis.

Aos tutores presenciais, Joice Nobre e Marlon Charles, em especial o ex-tutor Néibio Silva, pela orientação, paciência e amizade.

A todos os tutores a distância, em especial o tutor André Sínico, pela orientação, dedicação e compreensão.

Às minhas orientadoras Sílvia Correia e Carolina Bergmann, pela orientação, dedicação e compreensão.

A todos os funcionários do Polo da UAB/UNB de Cruzeiro do Sul, em especial a coordenadora, Elenilda Maia, pelo apoio nesta caminhada.

## RESUMO

Este trabalho teve como principal objetivo investigar as estratégias de ensino coletivo de instrumentos musicais do regente da “Fanfarra Banflocabral”. Os objetivos específicos consistiram em conhecer os princípios do ensino coletivo dos instrumentos contidos na prática do regente para ensinar os alunos, identificar como o regente lida com os vários níveis de conhecimentos musicais e com os conhecimentos prévios dos alunos. Para o alcance desses objetivos, foi adotada a pesquisa qualitativa tendo o regente da Fanfarra Banflocabral como unidade de caso. Os dados foram coletados por entrevista semiestruturada e categorizados após as transcrições. O referencial que conduziu este trabalho inclui temáticas que abordam especificamente sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais em distintos contextos, apoiadas em autores como: Cristina Tourinho, Flávia Cruvinel, Nilcéia Campos, Fernanda Ortins e Lélío Eduardo Silva, dentre outros. Os resultados dessa pesquisa demonstram que o regente em alguns contextos do trabalho realizado com a fanfarra adota os princípios do ensino coletivo, como é o caso da prática de ensino em grupo, escolha do repertório e iniciação aos estudos pela prática; em outros se distancia desses princípios, como é o caso da seleção dos alunos para ingresso na fanfarra, valorização dos conhecimentos prévios para ingresso na fanfarra e critérios de avaliação. Onde pudemos constatar que seu objetivo maior de trabalho é a performance instrumental para apresentação em público. Dessa forma, os dados obtidos poderão contribuir para ampliar a discussão sobre a importância de metodologias de ensino diferenciadas para o ensino coletivo de instrumentos de bandas de músicas.

**Palavras-chave:** ensino coletivo de instrumentos; estratégias de ensino de música; educação musical em fanfarras.

## ABSTRACT

This work aimed to investigate the strategies for group teaching of musical instruments by the conductor of the "Banflocabral Fanfare". The specific objectives consisted in learning the principles of group teaching of the tools used by the conductor to teach students and to identify how the conductor deals with the various levels of musical knowledge and the students' prior knowledge. To achieve these goals, we adopted the qualitative research with the ruler of Fanfare Banflocabral as unit case. Data were collected by semistructured interview and categorized after the transcripts. The framework that led this work includes topics that deal specifically with the collective teaching of musical instruments in different contexts, supported by authors such as: Cristina Tourinho, Flavia Cruvinel, Nilcéia Campos, Fernanda Ortins Lélío and Eduardo Silva, among others. The results of this research show that the conductor in some contexts of the work done with the fanfare adopts the principles of collective learning, such as the practice of group teaching, choice of repertoire and starting to study for the practice; distances itself from these other principles, such as the selection of students for admission to fanfare, valuing prior knowledge for entry to the fanfare and evaluation criteria. Where we found that his biggest goal of the work is instrumental performance for public presentation. Thus, the data obtained may help to broaden the discussion on the importance of differentiated teaching methodologies for collective teaching instruments bands songs.

**Keywords:** collective teaching tools; strategies for teaching music; music education fanfares.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 ENSINO COLETIVO DOS INSTRUMENTOS : UMA APROXIMAÇÃO COM A LITERATURA.....</b>	<b>8</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>12</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>13</b>
4.1 Sobre o regente.....	13
4.2 Ingresso e participação dos alunos na fanfarra.....	13
4.2.1 A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos.....	14
4.3 Planejamento de ensino.....	15
4.3.1 A flexibilidade no planejamento.....	16
4.4 As estratégias de ensino.....	17
4.4.1 As estratégias de ensino e os vários níveis de aprendizagem dos alunos.....	17
4.4.2 Os critérios de avaliação do regente.....	19
4.4.3 A concepção do regente acerca do ensino coletivo.....	20
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>23</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Meu contato com fanfarras teve início no período de 2001, momento em que estive participando como instrumentista da “Fanfarra da Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio de Barros Freire”, no município de Cruzeiro do Sul, Estado do Acre (AC). Toquei caixa clara, que é considerado instrumento de percussão, bem como vivenciei experiências com outros instrumentos percussivos como prato, caixa tenor e bumbo. Quando cursei ensino médio, participei também da “Fanfarra DHR” da Escola Estadual Dom Henrique Ruth/AC. Nesse período tive a oportunidade de tocar os instrumentos já mencionados, me dedicando mais em tocar caixa clara. A opção por esse instrumento deu-se em face por eu acreditar que envolve um aprendizado mais amplo. Nessa época, um dos principais objetivos das fanfarras da região era a competição nos âmbitos intermunicipal, interestadual e nacional. Não houve muitas mudanças relacionadas a esse objetivo, apenas tais competições acontecem com menor frequência do que anteriormente.

Essa experiência de atuar como músico nas fanfarras mencionadas me oportunizou no ano de 2010 exercer a função de regente da “Fanfarra BANPETAN”, da Escola Estadual de Ensino Fundamental II “Tancredo de Almeida Neves”, no município de Cruzeiro do Sul/AC.

Pela minha experiência musical aqui assinalada tive oportunidade de acompanhar uma parte da trajetória das fanfarras escolares no município de Cruzeiro do Sul/AC. Pude perceber a contribuição das mesmas na educação musical de jovens e adolescentes, que por vezes, têm sua iniciação do conhecimento musical participando dos ensaios e posteriormente integrando-se definitivamente como componente de fanfarra e, posteriormente sendo incluído em bandas musicais da cidade. É a partir da participação nas fanfarras que muitos jovens decidem se aprimorar em determinados instrumentos, buscando na maioria das vezes, tornar-se um músico profissional ou até mesmo ingressar num curso superior, como é o meu caso. É o caso também dos próprios regentes que, na sua maioria, são ex-integrantes de fanfarra, onde se destacaram como instrumentista, principalmente de percussão.

Outro aspecto que justifica meu interesse pela temática é dentro da observação de que as bandas de músicas e fanfarras têm se configurado de fundamental importância para o aprendizado musical, principalmente porque privilegiam o ensino de forma coletiva. A esse respeito Souza *et al* (2011, p.103) enfatiza que “a prática musical em bandas escolares tem se revelado um espaço privilegiado de aprendizagem musical”. E acrescenta: “Além dos aprendizados sobre a prática instrumental, as bandas se constituem como polos de interação



onde os conhecimentos musicais são constantemente trocados e compartilhados no âmbito coletivo”(idem).

Nesse processo, o papel desempenhado pelo regente de fanfarra enquanto professor de música tem contribuído de forma significativa para o enriquecimento de experiências musicais dos alunos. Mas sabemos através do convívio com esse meio que a maioria desses regentes não possui uma formação acadêmica para sua atuação, mas que na sua trajetória musical vão adquirindo experiências educativas- musicais para ensinar seus alunos a tocarem dentro de um contexto de prática de conjunto, com a preocupação maior com a prática instrumental e à execução de um repertório para apresentações em público.

Diante desses fatos, esse estudo busca discutir sobre a presença de alguns princípios do ensino coletivo nas estratégias de ensino contidas nas práticas de um regente de fanfarra.

A minha convivência como instrumentista e também como regente, me levaram às seguintes indagações: quais estratégias de ensino coletivo de instrumentos musicais são utilizadas pelo regente da “Fanfarra Banflocabral”, da escola de ensino médio Professor Flodoardo Cabral, do município de Cruzeiro do Sul-AC, para ensinar os alunos a tocarem os instrumentos musicais? Que princípios metodológicos do ensino coletivo de instrumentos estão presentes na ação didática musical desse regente?

A partir das questões de pesquisa apontadas tracei como objetivo geral investigar as estratégias e procedimentos do ensino coletivo dos instrumentos musicais desenvolvidos por um regente de fanfarra. E como objetivos específicos, conhecer os princípios do ensino coletivo dos instrumentos contidos na prática do regente para ensinar os alunos a tocarem os instrumentos musicais, identificar como o regente lida com os vários níveis de conhecimentos musicais dos alunos e entender como o regente lida com o conhecimento musical prévio dos alunos.

## **2. ENSINO COLETIVO DOS INSTRUMENTOS: UMA APROXIMAÇÃO COM A LITERATURA**

No intuito de investigar as estratégias de ensino do regente da “Fanfarra Banflocabral” da escola PFC, do município de Cruzeiro do Sul/AC, à luz dos princípios do ensino coletivo, julgou-se necessário consultar uma literatura que abordasse, além do ensino coletivo de instrumentos, sobre a importância das bandas e fanfarras para a aprendizagem musical, como também a importância do regente nesse contexto, principalmente no que se refere às suas estratégias de ensino.

Bordenave e Pereira (1998, apud Woituski, 2013, p. 14) consideram estratégias de ensino como sendo um caminho escolhido ou criado pelo professor para direcionar o aluno, pautado numa teorização a ser aplicada na sua prática educativa. Masetto (2003, apud Woituski, 2013, p. 14) amplia o conceito de estratégias de ensino, definindo-as como os meios utilizados pelo professor para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos. Já Anastasiou e Alves (2004, p. 71, apud Woituski, 2013, p. 14) advertem que:

As estratégias de ensino visam à execução dos objetivos, portanto, há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o processo de ensinagem. Por isso, os objetivos que norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos- professores e alunos- e estar presente no contrato didático registrado no Programa de Atividades correspondente ao módulo, fase, curso, etc. (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 71 apud Woituski, 2013, p. 12).

No que se refere à importância das bandas escolares para o aprendizado musical de seus integrantes, Campos (2008, p. 7) constata que “as atividades desenvolvidas pelas bandas e fanfarras escolares contribuem tanto para aquisição de valores e incorporação de comportamentos quanto para a ampliação de experiências musicais”. Essa ideia está de acordo com a realidade do município de Cruzeiro do sul/AC, onde as fanfarras muitas vezes se configuram como único espaço de contato dos alunos com a música, além de se constituírem espaços de convivência grupal, onde os alunos desenvolvem valores como a socialização, solidariedade, responsabilidade, compromisso e respeito às diferenças.

Neste sentido, no que se observa as bandas escolares como um lugar de aprendizado musical, Lima (2006) enfatiza que as bandas “têm se constituído um espaço de preservação de uma cultura de integração do homem ao seu espaço social, com base na sensibilidade potencial que edifica a partir de uma experimentação coletiva”. E acrescenta:

A banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. [...] ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquiri outra visão de mundo. [...] ao ingressar no espaço acadêmico, um lugar privilegiado de construção do conhecimento formal, trazia comigo a experiência vivenciada nas bandas: aulas coletivas pautadas em saberes, ausência da dicotomia teoria-prática e da fundamentação do conhecimento. [...] é inegável que o conhecimento formal trouxe outras dimensões até então não percebidas no meu fazer musical. Mas é inegável também que, sem a experiência da banda de música, eu compreenderia somente o formal pelo formal, o técnico pelo técnico, a música pela música. Convicto, pois, de que o ensino oferecido nas bandas representa uma contribuição importante como alternativa pedagógica para o ensino musical (LIMA, 2006, p.66).

Silva (2011) destaca a influência da banda de música na vida musical brasileira, em contraste com o pouco trabalho acadêmico nessa área, principalmente no que diz respeito às estratégias de ensino. E acrescenta:

Atualmente, os trabalhos na área de musicologia que enfocam a banda de música são mais facilmente encontrados, porém, há uma grande lacuna no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Poucos são os trabalhos que realmente contribuíram para o estudo do processo de ensino-aprendizagem nas bandas de música brasileiras (SILVA, 2011, p.2).

Ainda sobre trabalhos que tratam do ensino e aprendizagem em bandas de música, Campos (2008) assinala que:

[...] é fundamental ressaltar que o trabalho desenvolvido pelos regentes ou mestres de bandas contribui muito para o enriquecimento de experiências e conhecimentos musicais, mesmo que estes estejam diretamente ligados à prática instrumental e à execução de um repertório voltado para apresentações públicas. Nesse aspecto, não é raro o regente estabelecer suas próprias representações para favorecer a compreensão do que deva ser executado (CAMPOS, 2008, p.6).

A autora acrescenta ainda que, “alguns regentes reconhecem que o ensino de música nesse meio não acontece de forma adequada, pois, para eles, a urgência de execução de um repertório no instrumento coloca o aprendizado da teoria musical em segundo plano”. Como resultado da pesquisa realizada pela autora em Campo Grande, ela afirma que “foi desenvolvida pelo regente uma sistemática de notação que atende as necessidades das apresentações públicas, mas que, paulatinamente, vai fazendo com que o instrumentista desenvolva a leitura musical por meio da grafia convencional”. Ainda enfatiza que o regente explica uma sistemática “herdada do meio”:

É o seguinte: desenvolvemos uma escala no meio fanfarra [...] Pra você entender, até o dó médio, a escrita musical é uma – letra de forma, grande. São pras notas graves. Pode ver que está escrito de forma, aqui já está uma nota aguda, só que está escrito em letra de mão. [...] Mudando de oitava, a escrita já é diferente. [...] Só que eu, ao longo do tempo aqui, desenvolvi uma outra que eles memorizam mais rápido. Ensinava onde é a clave, só que como o tempo era curto, eu escrevia o dó na linha do dó, e colocava o tempo, de colcheia, se fosse o caso. Se fosse fazer uma escala, mi, mas tudo escrito daquela forma para eles entenderem. Sempre na linha pra eles memorizarem. Mas o que aconteceu? Com o tempo fui substituindo por cabeça de nota, normal, então aquilo que ficou na memória, eles vão associando... (Daniel). (CAMPOS, 2008, p. 6).

Tourinho (2007) relaciona a importância do ensino coletivo, destacando que este se diferencia do tutorial ou individual por “compartilhar conhecimento, espaço, e que a interação e a diferença são partes importantes do aprendizado” (p. 1-4).

A autora apresenta o conceito de ensino coletivo como sendo “a transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical”. Relaciona ainda aspectos importantes que são considerados pelos professores que adotam a metodologia do ensino coletivo, são eles: valorizam o aprendizado dos que aprendem sozinhos; a leitura musical não está presente no início dos estudos, sendo colocada em prática pela necessidade do grupo; junto com o fazer musical está implícito “o conceito de desenvolver a percepção auditiva mais do que decodificar símbolos musicais”(p.2).

A autora (2007) ainda apresenta princípios da metodologia de ensino coletivo, fazendo uma comparação com a metodologia individual:

[...] acreditar que todos podem aprender a tocar um instrumento; acreditar que todos aprendem com todos; o ritmo da aula, que deve ser planejada, direcionada para o grupo, exigindo do estudante disciplina, assiduidade e concentração; o planejamento é feito para o grupo, levando-se em conta as habilidades individuais de cada um; autonomia e decisão; o ensino coletivo elimina os horários vagos. (TOURINHO, 2007, p. 2-3).

Segundo Ortins, Cruvinel e Leão (2004, p. 51), o ensino coletivo tem ganhado espaço, pois além de oferecer habilidades físicas, mentais, intelectuais e emocionais, “também pode favorecer os sentidos de socialização, responsabilidade e solidariedade, volta-se para questões que colaboram para a boa formação do ser humano, que é a vivência em grupo”.

A autora também ressalta que através do ensino coletivo surgem as relações interpessoais, as quais estão atreladas à figura de um facilitador. O que torna “o papel do professor imprescindível para coordenar e/ou facilitar possíveis conflitos emergido do grupo, sem prejudicar o aprendizado musical”.

Nascimento (2006, p.3), por sua vez, reafirma a importância da metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais, destacando que nessa metodologia, diferentemente do modelo conservatorial, prevalece a interação social entre os participantes. Destaca também que as aulas podem contemplar o ensino coletivo de um mesmo instrumento ou o ensino de vários instrumentos ao mesmo tempo. Além disso, são “efetuadas de maneira multidisciplinar, ou seja, além da prática instrumental, podem ser ministrados outros saberes musicais intitulados academicamente como: teoria musical, percepção musical, história da música, e composição”.

Em suma, vimos que as bandas de músicas cumprem importante papel no que tange à inserção de crianças, jovens e adultos no conhecimento musical. Fica claro também que elas se constituem espaços privilegiados da prática da metodologia do ensino coletivo, a fim de contribuírem com uma aprendizagem mais autônoma, onde os alunos são motivados a construir seu próprio conhecimento e partilhá-lo com o grupo. Nesse contexto se destaca a figura do regente ou “mestre de banda” e sua forma de ensinar coletivamente. Quanto “a essa forma de ensinar”, observamos vários pontos de vista acerca do ensino coletivo de instrumentos. Por outro lado, todos concordam que o ensino coletivo, aqui proposto, tem suas vantagens e que, acima de tudo, tem servido de base para a democratização do ensino musical.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Como parte essencial dessa investigação sobre as estratégias e procedimentos de ensino de um regente de fanfarra sob a perspectiva do ensino coletivo, escolhi a pesquisa de abordagem qualitativa.

Bogdan e Biklen (1995, p. 8) conceituam a pesquisa qualitativa como “um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características”. Acrescentando que “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico”.

Para coletar os dados e procurar responder as questões de pesquisa supracitadas foi utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada (perguntas abertas e fechadas) com o regente da “Fanfarra Banflocabral”. Com essa finalidade elaborei um roteiro de entrevista que abordou questões relacionadas ao ingresso dos alunos na fanfarra, valorização dos conhecimentos prévios desses alunos, planejamento de ensino, assim como as estratégias e procedimentos de ensino coletivo dos instrumentos musicais e os critérios de avaliação adotados pelo regente.

No que diz respeito à utilização da entrevista como instrumento de coleta de dados, Azevedo (2009) diz o seguinte:

A entrevista semiestruturada se baseia em um roteiro básico de questões (geralmente perguntas abertas), organizadas de forma que o pesquisador tenha liberdade de inserir novas questões e esclarecer suas dúvidas sobre o ponto de vista do entrevistado, aprofundando a pesquisa. Esse tipo de entrevista deve permitir a

fluência do diálogo pesquisador e entrevistado, por isso o roteiro de entrevistas não pode dificultar a interação entre os dois (AZEVEDO, 2009, p.13).

Dessa forma, considerei que a utilização da entrevista semiestruturada foi pertinente na ideia de que tive a oportunidade, quando necessário, de inserir novas questões para esclarecer dúvidas a fim de complementar as informações e assim dar mais validade aos dados coletados.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados consistiu na interpretação textual da entrevista com o regente da “Fanfarra Banflocabral”. Essa análise foi estruturada em três categorias: o ingresso e participação dos alunos na fanfarra; o planejamento de ensino e as estratégias de ensino do regente, às quais foram divididas em subcategorias: a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos; a flexibilidade do planejamento de ensino diante das necessidades do grupo; as estratégias de ensino do regente diante dos vários níveis de aprendizagem dos alunos; os critérios de avaliação do regente e a concepção do mesmo acerca das vantagens do ensino coletivo.

##### **4.1. Sobre o regente**

O regente Dáfix cursa Engenharia Florestal, pela Universidade Federal do Acre. Iniciou seus estudos musicais aos doze anos de idade. É regente da Fanfarra Banflocabral desde 2011. Toca todos os instrumentos de percussão que compõem a fanfarra, mas sua maior afinidade é com o bumbo. Ao ser indagado sobre outra atividade profissional na área musical ele afirma: “Profissional não, mas eu toco em banda não de forma totalmente profissional, mas intermediária”. “Dáfix” (ET, p. 1). O regente se refere à sua participação no Projeto Ritmos da Amazônia, na “Banda Swing da Mata”, o qual tem por objetivo atrair jovens para a área musical, inclusive muitos que tocam na Fanfarra Banflocabral acabam sendo incluídos no projeto.

##### **4.2. Ingresso e participação dos alunos na fanfarra**

Segundo o regente Dáfix, na maioria das vezes, os alunos são selecionados para ingressarem na fanfarra quando demonstram interesse e experiência em tocar algum instrumento musical. Mas também existe o critério do aluno se identificar com o instrumento musical.

Podemos observar que o regente, nesse aspecto, evidencia a exclusão dos alunos que não têm experiência em tocar instrumentos musicais, o que parece não condizer com um dos princípios de aprendizagens citado por Tourinho (2007, p.3), e que o educador musical deve levar em conta, que é “acreditar que todos podem aprender a tocar um instrumento”.

A respeito dessa questão Tourinho (2004, p.43) acrescenta ainda “que conhece professores que “insistem em oportunizar somente os “talentosos e vocacionados”, destacando os profissionais, entre os quais se inclui, que “priorizam a fluência musical, o fazer musical direto e não o desenvolvimento de habilidades técnicas e subtilização da música”.

#### 4.2.1. A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos

Quando perguntado sobre a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos antes de iniciarem os estudos, o regente declara: “Bom, eu verifico se ele já sabe tocar algum instrumento. Se sabe, então, ele já tem uma possibilidade de tá ingressando na banda... e também eu vejo o conhecimento que ele tem na questão do trabalho de grupo da fanfarra”. “Dáfix”(ET, p. 2).

Pude visualizar neste aspecto a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos pelo regente, mas como critério para ingresso dos mesmos na fanfarra. Também é evidenciada uma certa preocupação do regente com o relacionamento interpessoal. O que leva a crer que os alunos devem já ter adquirido habilidades - além da experiência em tocarem algum instrumento musical - saberem se relacionar no grupo. Ainda nesse aspecto o regente deixa transparecer que o objetivo do ensino de instrumentos é a performance musical para a apresentação em público.

Portanto, o regente evidencia que o aluno deveria estar mais ou menos “pronto” para, assim, participar da fanfarra. Mais uma vez julguei oportuno citar a concepção de Tourinho (2007) acerca do ensino coletivo que é: “[...] a transposição inata de comportamento humano de observação e imitação para o aprendizado musical”(p.2).

Com relação à opinião do regente sobre o que motiva os alunos a participarem da fanfarra ele informa:

Bom, em muitas vezes é mais entusiasmo de ter uma coisa inovadora dentro da escola, algo de... que não tem dentro da pauta dela mesma, o ensino de música percussiva e também ela traz uma facilidade do...desse...dessa interação entre outros amigos, no caso a aprendizagem em grupo. “Dáfix” (ET, p. 2).

Nesse aspecto, percebe-se o interesse dos alunos em participarem de atividades na escola que envolvam a música, assim como a facilidade dos mesmos interagirem em grupo. Também se pode perceber que o regente reconhece que a música motiva/influencia a participação dos alunos, e também o fato dessa participação ser no coletivo.

Essa ideia culmina com o pensamento de Moraes (1995, apud CRUVINEL, 2001, p. 54) que “a motivação e a interação social são elementos como os grandes responsáveis pelo incremento do aprendizado musical.”

#### 4.3. Planejamento de ensino do regente

A respeito de como o regente planeja suas aulas, ele afirma que:

“A gente... planeja de forma que os alunos venham a compreender nosso repertório. A gente trabalha o conteúdo propriamente dito, da música, e também a gente tenta buscar com que eles alcancem o objetivo, isso dentro do planejamento das aulas”.  
“Dáfix”(ET, p. 2).

Neste aspecto o regente deixa claro que faz uso de planejamento e demonstra preocupação em atingir os objetivos propostos.

O regente não esclarece “como planeja”, mas evidencia que põe em prática esse recurso tão importante no processo ensino e aprendizagem, e que Tourinho (2007) destaca como um dos princípios do ensino coletivo, quando diz:

Planejamento prévio, disciplina e concentração também são pré-requisitos para o professor. A aula precisa ser planejada, deve haver um roteiro de apoio. Se experiente, o professor estrutura apenas tópicos, que são seguidos ou organizados de acordo com o desenrolar das atividades, mas a disciplina e a organização são fatores essenciais. A aula coletiva exige também grande concentração do professor, que precisa estar atento a muitos estudantes simultaneamente. (TOURINHO, 2007, p.3).

Como pode ser observado, o regente tem o planejamento prévio como base de apoio no trabalho desenvolvido com a fanfarra, faltando-nos mais detalhes sobre o que contempla esse planejamento e como o desenvolve.



#### 4.3.1. A flexibilidade do planejamento

Com relação à flexibilidade no planejamento, o regente Dáfix coloca que depende da necessidade da turma, justificando que as mudanças (improvisos) são sempre para o melhor desempenho do grupo. Por exemplo: “Se for planejada a aprendizagem de determinado repertório e durante a aula, eles tiverem dificuldade em aprender, esse repertório poderá ser substituído, até mesmo por sugestão dos alunos”. Dáfix (ET p. 2).

Portanto, quanto à flexibilidade do planejamento podemos compreender que depende basicamente da necessidade do grupo, exemplificando sua resposta no que se refere ao estudo do repertório. Nesse aspecto vimos que o regente compreende a importância de ajustar o seu planejamento mediante a necessidade do grupo. Essa postura está de acordo com o que declara Tourinho (2007, p. 4): “o planejamento é feito para o grupo, levando-se em conta as habilidades individuais de cada um”.

Quanto ao alcance dos objetivos de ensino o regente assim se refere:

“Bom, a gente planeja, tem um bom planejamento, mas nem todo planejamento é alcançado, mas na grande maioria a gente chega a acertar quase 90% do planejamento. É... a gente tem qui...em alguns momentos a gente tem que ser flexível e...mudar...Isso, praticar melhor pro próprio aluno”. “Dáfix ” (ET, p. 1).

Nesse aspecto o regente evidencia seu esforço para atingir os objetivos propostos e reafirma sua preocupação em “mudar” o planejamento em benefício do aluno. Essa ideia está de acordo com o que afirma Cruvinel (2004, p. 23): “Da mesma forma, não devemos ter um modelo único de ensino que “sirva” a todos os alunos. Devemos enxergar a individualidade de cada aluno, sua realidade humana, no contexto cultural e social”. Essa concepção é favorável a um ensino inclusivo e democrático, o qual deve estar presente em contextos de ensino em grupo, como é o caso de bandas e fanfarras, onde todos têm o direito de aprender de acordo com o seu ritmo de aprendizagem.

#### 4.4. As estratégias de ensino do regente

A respeito dos critérios que o regente utiliza para que os alunos iniciem o estudo com o instrumento musical, foi mencionado por ele que um deles é que o aluno já tenha experiência em tocar algum instrumento. Outro critério, é que leva em conta a afinidade do aluno com aquele instrumento. Fica claro, então, que os alunos para darem início aos estudos devem ter experiência em tocar algum instrumento e/ou ter afinidade com o mesmo.

Essa postura do regente parece divergir um pouco dos princípios do ensino coletivo destacado por Tourinho: “...O aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer. Desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social, modelos, ídolos”. Nesse sentido, a autora ainda acrescenta: “Professores de ensino coletivo levam em consideração o aprendizado dos autodidatas, que se concentram inicialmente em observar o que desejam imitar”.

#### 4.4.1. As estratégias de ensino e os vários níveis de aprendizagem dos alunos

Quando perguntado sobre as estratégias que usa para ensinar os alunos com distintos níveis de aprendizado, o regente esclarece:

“Bom, a gente usa muito a questão de exercícios práticos...de...percussivos pra que eles venham tentar acompanhar. Eles aprendem observando. Outros que têm o nível mais elevado, uma facilidade melhor de aprendizagem, divido em grupos para que eles ensinem os outros. Oriento também a criação de arranjos por eles”. “Dáfix” (ET, p. 3).

Observamos aqui, vários fatores os quais apontam positivamente para os princípios do ensino coletivo, que são o desenvolvimento de exercícios práticos através da percepção auditiva e observação, ou seja, aprendizagem por imitação e troca de experiências entre os alunos. Com ênfase Tourinho (2007), um dos princípios do ensino coletivo é “acreditar que todos aprendem com todos. O professor é modelo, quem toca com facilidade, enquanto que os demais colegas atuam como espelhos, refletindo (ou não) as dificuldades individuais do grupo”.

Nascimento (2004) também contribui nesse sentido quando destaca:

A mesclagem de alunos de diferentes níveis técnicos ocorrida nas bandas de música foi um assunto que dividiu as opiniões dos entrevistados. Alguns confirmaram os dados colhidos na pesquisa bibliográfica, isto é, que essa mesclagem incentiva e ensina. Os alunos mais iniciantes se espelham nos mais adiantados, e isso se transforma em um incentivo. A observação dos alunos mais iniciantes na forma de se tocar o instrumento ou como se executa o instrumento em determinado trecho da música, pelo aluno mais adiantado, funciona como uma aula prática (NASCIMENTO, 2004, p. 55).

Dessa forma, podemos compreender que o regente lança mão das seguintes estratégias: Apreciação musical, pois os alunos observam os outros e o próprio regente tocarem, fazendo uso da imitação como modelo para o aprendizado musical; “tocar de

ouvido” através percepção auditiva; criação de arranjos de acordo com a necessidade dos alunos, ou seja, composições coletivas.

No que tange à imitação como modelo de aprendizado musical, Tourinho (2007, p.2) ressalta que “a imitação está focada no resultado sonoro obtido e não na decodificação de símbolos musicais. Junto com musicalizar está implícito o conceito de desenvolver a percepção auditiva mais do que decodificar símbolos musicais”.

Segundo Woituski (2013, p. 15), muitos autores como Tourinho (2007), Camargo (2004), Cruvinel (2006) enfatizam o tocar de ouvido e o tocar por imitação, tendo em vista facilitar a execução musical em grupo. Já Ramos (2012, apud WOITUSKI, 2013, p. 15)) observa que:

[...] são vários os autores que afirmam a importância de estratégias de audição e imitação para a memorização e, consequentemente, para o desenvolvimento no processo de aprendizagem de um instrumento musical por parte dos alunos, não só pela possibilidade de fornecer uma comparação em relação à performance do aluno com o professor, num contexto de sala de aula, mas, também, pelo equilíbrio e controle emocional do aluno quando é capaz de tocar de memória. (RAMOS, 2012).

Com relação se o regente inicia os estudos pela teoria ou pela prática, o mesmo enfatiza que tenta alternar. Concluindo que inicia pela prática, o que motiva mais o aluno. “Pelos dois, agente tenta alternar”. Quando questionei sobre o que realmente vinha primeiro, ele declarou: “É...primeiro pela prática né, o aluno fica motivado a entender um pouco. Essa é a forma que eu chego a usar”. Dáfix (ET p.3). Nesse aspecto, constata-se a prioridade pela prática que, de acordo com a nossa discussão também indica a prática do regente voltada para os princípios do ensino coletivo.

Para a escolha do repertório, o regente declara: “Bom, a gente trabalha muito a questão do repertório de forma geral, do que cada ano vem acontecendo na atualidade, mas também a gente faz alguns recursos, a gente busca alguns conhecimentos musicais mais antigos e... que tenham um bom conjunto musical”. Declarou também que os alunos ajudam na escolha do repertório. “Sim, a gente é bem democrático, apesar de...ter a sua hierarquia na banda, mas nós somos bem democrático quanto a isso, os alunos muitas vezes eles decidem o próprio repertório que a banda vai tocar”. “Dáfix” (ET p. 3).

Podemos destacar aqui, a flexibilidade do professor quanto à participação dos alunos na escolha do repertório, demonstrando ser democrático quanto à valorização das ideias dos alunos. A nosso ver essa postura contribui para o senso de colaboração, responsabilidade, cooperação e principalmente motivação em aprender. A esse respeito, Cruvinel (2004)

destaca: “Após o processo pedagógico coletivo, cada aluno, a partir do seu interesse e perspectivas individuais, estarão aptos a eleger repertórios e formações musicais próprios”.

Quanto à distribuição dos instrumentos o regente afirma que a mesma se dar pela afinidade com os mesmos. Com relação ao quantitativo de instrumentos, ele informa: “Bom, eu não vou dizer 100%, mas 60% é. Só que a gente...pra escola a gente precisa se aprofundar mais em conhecimentos musicais e também em arsenais de instrumentos, mas é quase 60%, aliás é 60% satisfatório sim”. “Dáfix” (ET p. 4). Devido à falta de instrumentos para todos, o regente explica como é feita a utilização individual do instrumento: “Bom, é... no caso se tiver um tambor e três alunos precisam tocar, a gente usa esse revezamento. Eles estudam o instrumento em horários diferentes (idem).

Em suma, o regente informa que os instrumentos não são suficientes para todos e que por conta disso, os alunos estudam em horários diferentes.

#### 4.4.2. Os critérios de avaliação do regente

Também foi perguntado ao regente sobre o aspecto avaliação. Se era feita, e se sim, como era feita. O regente declarou:

“Bom, a gente faz uma avaliação que é a famosa peneira. É... uma avaliação na maioria das vezes eu dou um tempo necessário para que eles venham estudar e venha se habituar com o instrumento, com pegadas de ritmo e eu não escolho o dia, eu só chego e falo que vou fazer, uma peneira, uma escolha...pra com que eles possa vir tá se interessando a cada dia um pouco mais”. “Dáfix ” (ET, p. 4).

Podemos observar nesta fala que a forma de avaliação adotada pelo regente se dar através de uma “peneira” e sem informar o momento de realização da mesma. Por isso, observamos também que esse tipo de avaliação não garante a aprendizagem em música, mas a exclusão dos alunos através de uma “peneira”, isto é, a separação dos que sabem e dos que não sabem.

A nosso ver, a ideia da “peneira” não se configura com o que descreve Tourinho (2007, p. 2) a respeito de alguns princípios inerentes ao ensino coletivo, dentre eles podemos citar: “Que todos podem aprender a tocar um instrumento. E que o teste seletivo transforma-se em entrevista e nivelamento”.

Esta ideia se configura com o que assinala Ortins, Cruvinel e Leão (2004, p. 52), quando se refere ao ensino coletivo de música:

Através do ensino de música, as relações interpessoais podem surgir e serem trabalhadas, pois podem proporcionar ao indivíduo a capacidade de se ver inserido em um grupo e analisar o seu próprio papel, sua atuação e consequência de suas ações para os demais membros e para o grupo como um todo. Assim, o indivíduo terá mais facilidade para aprender, porque terá o seu colega para apoiá-lo nas suas dificuldades e conviverá desde o início em um grupo aprendendo a respeitar a função de cada pessoa que participe do mesmo. (ORTINS, 2004).

De acordo com Woituski (2013, p. 12) “a interação e a diferença, tanto cultural quanto intelectual, são importantes para o aprendizado, pois esses elementos permitem ao aluno“ a se questionar e perceber sua função no grupo, respeitando o espaço, as potencialidades e dificuldades próprias de cada pessoa e, principalmente, do grupo”.

#### 4.4.3. A concepção do regente acerca do ensino coletivo

Também foi perguntado ao regente sobre as vantagens e/ou dificuldades em relação ao ensino coletivo, o regente enfatizou algumas vantagens, como por exemplo: que possibilita a troca de conhecimento em prol do desempenho dos alunos. Enfatizando que o aluno aprende com o regente e também com os colegas, ficando a cada dia mais motivado em aprender. Deixando claro também que, tanto a cooperação como as dificuldades são compartilhadas.

Quando perguntado ao regente sobre o que mais considera importante o aluno aprender, além de tocar um instrumento musical, ele deixa claro que considera também importante que os alunos desenvolvam outros aprendizados, quando declara: “Bom, tem toda a questão da colaboração em grupo, saber se relacionar, ter um senso de responsabilidade...ter disciplina, assiduidade, uma pontualidade e também o camarada se concentrar um pouco naquela questão...na hora que a gente tá ensinando”. “Dáfix ” (ET, p. 4).

Nessas abordagens podemos perceber que o regente valoriza princípios do ensino coletivo como troca de conhecimentos e consequentemente motivação em aprender, colaboração grupal, assiduidade, pontualidade e concentração.

Essa ideia de valorizar a interação grupal, e em consequência a troca de conhecimentos dos alunos, por parte do regente, está de acordo com o que afirma Ortins, Cruvinel e Leão (2004, p. 51) a respeito do ensino coletivo: “...Também pode favorecer os sentidos de socialização, responsabilidade e solidariedade, voltando-se para questões que colaboram para a boa formação do ser humano”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar as estratégias de ensino de instrumentos musicais desenvolvidas pelo regente da “Fanfarra Banflocabral”. Para o cumprimento desse objetivo foi realizada uma investigação qualitativa através da entrevista simiestruturada com o regente da fanfarra. A opção pela entrevista semiestruturada me possibilitou uma interação maior com o regente, onde pude, quando necessário, reformular algumas perguntas a fim de redirecionar a entrevista para os objetivos propostos. Isso foi importante porque resultou em informações essenciais sobre as estratégias de ensino coletivo utilizadas pelo regente, as quais se refletem na forma como ele seleciona os alunos para ingresso na fanfarra, estratégias que utiliza para ensinar mediante os vários níveis de aprendizagem dos alunos, valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, planejamento de ensino, critérios de avaliação dos alunos e concepção do regente acerca do ensino coletivo.

A fim de compreender o tema “ensino coletivo” assim como os princípios a ele subjacentes, recorri a uma revisão de literatura pertinente a este tema, como os princípios que norteiam o ensino coletivo, a contribuição do mesmo para a educação musical do indivíduo e o que são estratégias de ensino.

A partir desse quadro de revisão bibliográfica os dados coletados foram analisados e organizados em três grandes categorias: o ingresso e participação dos alunos na fanfarra; o planejamento de ensino e as estratégias de ensino coletivo utilizadas pelo regente.

O ingresso e a participação dos alunos na fanfarra foram analisados numa perspectiva de se reconhecer algum princípio do ensino coletivo nesses contextos. O que ficou constatado é que no processo de seleção e participação dos alunos o regente não evidencia levar em conta os princípios do ensino coletivo, pois exclui parte dos alunos pelo fato de não terem experiência com instrumentos musicais. O que não condiz com um dos princípios do ensino coletivo, descrito por Tourinho (2007, p.2), onde a autora defende que o professor deve “acreditar que todos podem aprender a tocar um instrumento”. Quanto à valorização dos conhecimentos prévios dos alunos o regente evidencia não utilizá-lo para fins de planejamento de ensino, levando em conta o que os alunos já sabem, mas como critério de ingresso na fanfarra.

Quanto ao planejamento de ensino o regente evidencia que planeja com o intuito de alcançar os objetivos propostos e que este é flexível com vistas a tender as necessidades dos alunos. O que deixa claro por em prática mais um dos princípios do ensino coletivo que é, ainda conforme Tourinho (2007, p. 4) feito para o grupo levando em conta as necessidades dos alunos.

No que se refere às estratégias de ensino utilizadas para ensinar levando em conta os vários níveis de aprendizado do grupo, parece haver algumas divergências apontadas pelo regente. Tais divergências se configuram como: o critério para início dos estudos é a experiência em tocar algum instrumento musical e o processo de avaliação também parece evidenciar que a finalidade é a seleção dos alunos para fazerem parte do elenco da fanfarra. Nesses aspectos, a postura do regente parece se distanciar dos princípios do ensino coletivo apontados pela literatura estudada, a qual sustenta que a aprendizagem musical no ensino em grupo se dá principalmente pela observação e imitação. No entanto, o regente demonstra se valer desses princípios durante os ensaios, afirmando que os alunos aprendem observando, e que orienta a troca de conhecimento formando grupos liderados por aqueles que sabem mais, assim como a criação de arranjos pelos alunos. Isso caracteriza princípios do ensino coletivo, como: aprender pela observação e imitação, a colaboração, criatividade, autonomia e tomada de decisões.

Ao constatar, pela fala do regente, as estratégias de ensino adotadas, percebemos que o regente em alguns contextos do trabalho realizado com a fanfarra adota os princípios do ensino coletivo; em outros parece não adotar esses princípios. Os dados apontam que um dos seus objetivos na liderança da fanfarra é a performance instrumental para apresentação em público. As falas assinaladas indicaram que não há uma prática pedagógica voltada para uma formação musical mais ampla dos alunos, onde se poderia investir de fato nos princípios do ensino coletivo. Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa pode gerar dados que possibilitem a compreensão de metodologias do ensino coletivo de instrumentos em fanfarras, no sentido de evidenciar formas de ensinar e aprender música em distintos contextos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cristina de Carvalho C. **Introdução à Pesquisa em Música: Instrumentos de Coleta de Dados.** Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Texto disponibilizado pela UAB/UNB.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994. Texto disponibilizado pela UAB/UNB.

CAMPOS, Nilcéia Protásio. **O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados.** *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 19, 103111, março. (2008). Disponível em: <[http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/.../revista19\\_artigo11.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/.../revista19_artigo11.pdf)> de NP Campos - 2008> acesso em 05/05/2014.

CRUVINEL, F. M. **Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical; uma trajetória de sucesso.** In: I Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Goiânia: 2004. Texto disponibilizado pela UAB/UNB.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Bandas de Música, escolas de vida.** UFRN, Natal, 2006. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/8234/1/RonaldoFL.pdf>> Acesso em: 10/05/2014.

NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. **O ensino coletivo de instrumentos musicais na banda de música.** 2006. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), Brasília – 2006. UNIRIO, 2006. Disponível em: <[http://www.anppom.com.br/anais/.../01.../01COM\\_EdMus\\_0404-218.pdf](http://www.anppom.com.br/anais/.../01.../01COM_EdMus_0404-218.pdf)> acesso em 05/05/2014.

\_\_\_\_\_. **A Importância da banda de música como formadora do músico profissional, enfocando os clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro.** In: Anais I INECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo Musical. Goiânia: 2004. Material disponibilizada pela UAB/UNB.

ORTINS, Fernanda; CRUVINEL, Flavia Maria; LEÃO, Eliane. **O papel do professor no ensino coletivo de cordas: facilitador do processo de ensino aprendizagem e das relações interpessoais.** In: Anais do I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Goiânia: 2004.

SILVA, Lélvio Eduardo Alves da. **O Ensaio-aula: uma proposta de metodologia de ensino para banda de música.** *Revista do Conservatório de Música- UFPEL*, Pelotas, nº4, 2011. p. 127-161. Disponível em: <<https://www2.ufpel.edu.br/.../Artigo%2005%20-%20Lelio%20Eduardo%20Alv..>> Acesso em: 07/05/2014.

SOUZA, J. (org.). **Música na Escola: Propostas para a implementação da Lei 11.769/08 na Rede de Ensino de Gramado.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2011.

TOURINHO, Ana Cristina. **Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história.** XVI Encontro Nacional da ABEM e Congresso Regional da



ISME na América Latina. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. Texto disponibilizado pela UAB/UNB.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o Ensino Coletivo de instrumentos na escola.** In: Anais do I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. Goiânia: 2004.

WOITUSKI, Melyssa. **Ensino coletivo de música: uma revisão de literatura sobre o ensino em grupo de instrumentos musicais.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Rio Grande do Sul-Instituto de Artes- Departamento de Música. Porto Alegre, RS, 2013. Texto disponibilizado pela UAB/UNB.

## **APÊNDICE**

### **APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA**

#### **I – PERGUNTAS PREPARATÓRIAS**

1. Qual sua idade?
2. Qual sua escolaridade?
3. Como e quando começou seus estudos musicais?
4. Qual instrumento que você toca? Além desse, você toca outros instrumentos? Caso positivo, quais são?
5. Quando iniciou suas atividades como regente na “Fanfarra Banflocabral”?
6. Você desenvolve outra atividade profissional em música, além da “Fanfarra Banflocabral”?

#### **II - SOBRE O INGRESSO E A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA “FANFARRA BANFLOCABRAL”**

1. Como é feita a seleção dos alunos para o ingresso na fanfarra?
2. Você faz alguma sondagem a fim de verificar os conhecimentos prévios dos alunos antes de iniciar os estudos? Caso positivo, como é realizada?
3. Em sua opinião, o que motiva os alunos a participarem da fanfarra?

#### **III – SOBRE O PLANEJAMENTO DE ENSINO**

1. Como você planeja as suas aulas?
2. Existe flexibilidade no planejamento das aulas? Caso positivo, cite algum exemplo ou experiência.
3. Você consegue alcançar os objetivos do seu planejamento?

#### **IV– SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO**

4. Qual (is) o (s) critério(s) para que o aluno inicie o estudo com um instrumento musical?
5. Quando há presença de alunos com distintos níveis de aprendizado musical, que estratégias de ensino você adota para ensiná-los coletivamente?
6. Como você inicia os estudos? Pela teoria, pela prática ou ambas?
7. O que mais você considera importante ensinar aos alunos, além de tocar um instrumento?
8. Que critérios são utilizados na escolha do repertório da banda?
9. Em relação aos instrumentos musicais, qual ou qual (is) os procedimento (s) requerido (s) para a distribuição dos mesmos nos ensaios e apresentações da banda?
10. O quantitativo de instrumentos é satisfatório para as atividades da banda? Por quê?
11. Que procedimento você adota para a utilização individual do instrumento?
12. Você faz alguma avaliação periódica dos seus alunos? Caso positivo, como e quando é realizada essa avaliação?
13. Que vantagens e/ou dificuldades você poderia mencionar em relação ao ensino coletivo dos instrumentos musicais na fanfarra?

## APÊNDICE B- CARTA DE CESSÃO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E  
DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO

Eu, Dávia Dantas Costa,  
RG 1044799-7 declaro para os  
devidos fins que cedo os direitos sobre minha entrevista realizada em  
/ / para o pesquisador  
Onofre de Souza Brito Júnior, RG  
1053696-5, matrícula  
09/0061543, estudante do curso de Licenciatura em Música a  
Distância da Universidade de Brasília (UnB). Essa entrevista é parte da coleta  
de dados da pesquisa intitulada ***“Metodologia de Ensino de Instrumentos  
Percussivos da “Fanfarra Banflocabral”, cujo objetivo geral é “Investigar a  
metodologia de ensino utilizada pelo regente da “Fanfarra Banflocabral”  
para ensinar os alunos a tocarem os instrumentos de percussão”.***

Cedo os direitos da participação nesse trabalho, sendo essa de caráter  
voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser  
utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou  
citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em  
publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão  
sobre o controle e a cargo do pesquisador **Onofre de Souza Brito Júnior** e  
professora orientadora **Sílvia Correia**.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou  
vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão  
posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será  
utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra  
situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar minha identidade de  
acordo com uma das opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas  
(assinaladas com X), desde que sejam seguidos os princípios éticos da  
pesquisa acadêmico-científica.

<input type="checkbox"/>	Identidade utilizando meu nome e sobrenome
--------------------------	--

<input checked="" type="checkbox"/>	Identidade utilizando apenas meu primeiro nome
<input type="checkbox"/>	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
<input type="checkbox"/>	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo email onofre.bjunior@outlook.com, telefone (68) 99683970 ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo email (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado com uma cópia desse documento.

Dolice Dantas Costa  
Assinatura do Participante da Pesquisa